

A universidade e o *homo-politicus*: qual o sentido da formação universitária no campo da Educação Física em tempos de crise? Educação física para quê?

RESUMO

Esta reflexão procura olhar para a universidade em sua dimensão política e, a partir deste olhar, pensar a formação em Educação Física em tempos de crise. Trata-se de uma reflexão interpretativa que tem como metodologia de análise, uma hermenêutica de perguntas e respostas, de construção e desconstrução. O texto foi organizado em três momentos: no primeiro versa sobre a dimensão política apresentando dois tipos de homens/mulheres: o “*homo-violentus*” e o “*homo-sabius*” com suas características particulares. No segundo convoca-se a universidade, onde parecem habitar estes dois tipos de *homo(s)*: o “*homo-violentus*” que chama a si a política do poder e o “*homo-sabius*” que chama a si a política da justiça. Por fim, no terceiro momento, foi abordada a formação universitária em Educação Física em tempos de crise, onde se buscou responder à questão “Educação Física para que?”, tendo como referência (também) os dois momentos anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade; Política; Professor; Educação física

António Camilo Cunha

Prof. Dr. com Agregação em Pedagogia do Desporto
Universidade do Minho, Instituto de Educação, CIEC
Braga, Portugal
camilo@ie.uminho.pt
 <https://orcid.org/0000-0001-9652-9870>

Zenaide Galvão

Doutoranda em Estudos da Criança
Universidade do Minho, Instituto de Educação, CIEC
Braga, Portugal
zgalvao@uol.com.br
 <https://orcid.org/0000-0002-8383-9658>

The university and the *homo-politicus*: what is the meaning of university education in the field of Physical Education in times of crisis? Physical education for what?

ABSTRACT:

This reflection seeks to look at the university in its political dimension and, from this perspective, to think about training in Physical Education in times of crisis. It is an interpretive reflection whose methodology of analysis is a hermeneutic of questions and answers, of construction and deconstruction. The text was organized in three moments: the first deals with the political dimension, presenting two types of men/women: the “*homo-violentus*” and the “*homo-sabius*” with their particular characteristics. In the second, the university is summoned, where these two types of homo(s) seem to inhabit: the “*homo-violentus*” who takes on the politics of power and the “*homo-sabius*” who takes on the politics of justice. Finally, in the third moment, the university formation in Physical Education in times of crisis was approached, seeking to answer the question “Physical Education for what?”, having as reference (also) the two previous moments.

KEYWORDS: University; Policy; Teacher; Physical education

La universidad y el homopolítico: ¿cuál es el sentido de la formación universitaria en el campo de la Educación Física en tiempos de crisis? ¿Educación física para qué?

RESUMEN

Esta reflexión busca mirar a la universidad en su dimensión política y, desde esta perspectiva, pensar la formación en Educación Física en tiempos de crisis. Es una reflexión interpretativa cuya metodología de análisis es una hermenéutica de preguntas y respuestas, de construcción y deconstrucción. El texto fue organizado en tres momentos: el primero aborda la dimensión política, presentando dos tipos de hombres/mujeres: los “*homo-violentus*” y los “*homo-sabius*” con sus características particulares. En el segundo se convoca la universidad, donde parecen habitar estos dos tipos de homo(s): el “*homo-violentus*” que asume la política del poder y el “*homo-sabius*” que asume la política de la justicia. Finalmente, en el tercer momento, se abordó la formación universitaria en Educación Física en tiempos de crisis, buscando responder a la pregunta “¿Educación Física para qué?”, teniendo como referencia (también) los dos momentos anteriores.

PALABRAS-CLAVE: Universidad; Política; Maestro; Educación física

INTRODUÇÃO

Podemos afirmar que a Universidade é um *locus político*¹, onde habita o *homo-politicus*. Numa proposição inicial a universidade está em crise (parece estar em crise), o homem político está em crise (parece estar em crise). Neste contexto e naquilo que nos anima a - Educação Física poderá ser um caminho de resgate e de afirmação dessa universidade e desse homem-político mais pleno.

Partindo desta proposição (que nos parece verdadeira), organizamos a nossa reflexão em três momentos:

No primeiro momento, iremos abordar a dimensão política, tendo como galho inspirativo a obra “Como pensar politicamente” (GARRARD & MURPHY, 2021). Nesta obra os autores apresentam-nos dois tipos (existem outros tipos) de *humanos politicus* e que podemos sintetizar como: o “*homo-violentus*”, que gosta da política do poder e 2. o “*homo-sabius*”², que gosta da política da justiça e por isso, da liberdade.

Num segundo momento, inspirados na obra, mas também nas nossas constatações empíricas (como professores e investigadores), iremos olhar para a Universidade.

Finalmente, num terceiro momento, recolocaremos as perguntas iniciais: Qual o sentido da Formação Universitária no campo da Educação Física em tempos de crise? Educação Física para quê? E tentaremos responder a estas perguntas.

PRIMEIRO MOMENTO - a Dimensão Política

O termo política deriva de *polis*, a palavra grega que designava as antigas Cidades-Estado, sendo a base organizativa da sociedade do mundo grego. O homem é um ser (um animal) político - na esteira de Aristóteles (1985).

Somos homens/mulheres políticos. Somos homens/mulheres individuais e grupais, que se relacionam, convivem, conversam, dialogam, argumentam, refletem, discutem, conflituam, conhecem, participam, produzem.

É nesta relação dialética que o melhor e o pior de nós - da condição humana - é colocado em movimento. Assim, se por um lado, há um sentido político, cujas ideias e ideais têm uma práxis, uma civilidade, em que o sentido democrático emerge como a melhor expressão do humano, há, no entanto, um outro lado, onde a violência e a destruição levam a dianteira (uma animalidade).

A recente obra de Garrard & Murphy (2021): “Como pensar politicamente”, apresenta-nos dois tipos (existem outros tipos) de *humanus politicus*: “*homo-violentus*” (o homem-violento) e o “*homo-sabius*” (o homem sábio).

Nestes dois tipos-de-humanos, encontramos representações e práticas diferenciadas sobre os direitos cívicos e éticos pela participação. O “*homo-violentus*” gosta da política do poder – que tem na coerção, na violência, na imposição e no controlo a sua matriz. Por seu lado, o “*homo-sabius*” gosta da política da justiça – que tem no diálogo, na argumentação, na democracia e na liberdade o seu fundamento.

¹ Parte desta reflexão tem um outro um texto intitulado: “A Universidade e o “homo sabius”: Crítica/crítica” (em processo de avaliação editorial), como inspiração. Esse texto faz (tenta fazer) uma reflexão mais ampla sobre o pulsar da Universidade na sua dimensão política e as implicações que podem advir de tais percursos políticos, na missão primeira da Universidade.

² “*Homo-sabius*” – é uma adaptação nossa em relação ao termo “homem sábio”, que em latim seria homo sapiens. Deste modo, evitamos a associação para a designação da espécie humana e reforçamos (é nossa intenção) a ideia de sapiência inerente (pelo menos teoricamente) ao homem académico.

Outras características destes dois tipos de homens:

O “*homo-violentus*” gosta da informação e do conhecimento privado.

O “*homo-sabius*” gosta do conhecimento (que o torna público) e da sabedoria.

O “*homo-violentus*” gosta do poder pelo poder, do vigiar e punir (pegando na expressão de FOUCAULT, 1989).

O “*homo-sabius*” gosta da autenticidade, da empatia, da alteridade, da abertura (da abertura ao novo), à criação, à inovação, ao respeito, à valorização.

Sobre esta dialética – política do poder versus política da justiça – vamos citar Garrard & Murphy (2021): dizem os autores que política do poder é geralmente um jogo duro e perverso, uma espécie de “Guerra dos Tronos”, dominado por interesses conflitantes, emoções, riqueza e poder; durante a maior parte do tempo, é um jogo baixo e sujo, as manobras políticas mostram-se tão vergonhosas que são em grande parte conduzidas à porta fechada.

Por outro lado, ao referirem-se a política da justiça, os mesmos autores afirmam que a política da justiça “é capaz de uma nobreza moral e uma profundidade intelectual alheias à atual era de *reality* shows e de governança via *Twitter*” (GARRARD & MURPHY, 2021, p. 12). A política da justiça centra-se no homem e na sua dignidade.

Neste contexto, gostaríamos de enfatizar que quando olhamos para a história do pensamento filosófico e político (da cultura ocidental), vamos encontrar pensadores que se situam nestes dois polos, ora de forma de forma mais ou menos extremada, ora de forma mais consensual. Os que defenderam e fizeram o elogio ao poder da política. Estamos a pensar, por exemplo, em Santo Agostinho (354-430); Nicolau Maquiavel (1469-1527); Thomas Hobbes (1588-1679); Friedrich Nietzsche (1844-1900); Mao Zedong (1893-1976). E aqueles que defenderam e fizeram o elogio à política da justiça, como por exemplo, Platão (428-347 a.C.); São Tomás de Aquino (1225-1274); John Locke (1632-1704); Jean-Jacques Rousseau (1712-1778); Thomas Paine (1737-1809); Immanuel Kant (1724-1804); John Stuart Mill (1806-1873); John Rawls (1921-2002); Martha Nussbaum (1947-...) etc.

Esta dialética já tem uma história muito bem ilustrada pelo pensamento filosófico e político. Estas representações teóricas e práticas da política estão presentes também e em particular na universidade. A universidade como um *locus político* por excelência.

MOMENTO SEGUNDO - olhar para a universidade pela política do poder e pela política da justiça

Podemos dizer (e com todo o acerto) que a Universidade é um local onde existem estas duas representações da política: a política do poder e a política da justiça e, conseqüentemente, um local onde existem os dois tipos de humanos: o “*homo-violentus*” e o “*homo-sabius*”.

Num primeiro momento, poderíamos pensar que a Universidade, pela sua função e missão, estaria mergulhada numa política da justiça, da liberdade e habitada por homens/mulheres (professores, investigadores, estudantes) sábios, que cultivavam a cultura, a investigação, conhecimento humanizado, a democracia, a ética; habitada por homens e mulheres preocupados também com o desenvolvimento económico, social, material, espiritual etc.

Pelo nosso olhar empírico (como professores e investigadores), esta realidade existe de fato, mas é uma realidade muito residual. Se fizermos uma análise mais cuidadosa e atenta, podemos num exercício mais radical - “ver melhor as coisas”.

Contrariamente ao que possamos pensar e desejar, a universidade apresenta-se hoje envolta (prisoneira) num cenário onde a política do poder parece levar a dianteira. O “*homo-violentus*” consciente e inconscientemente constrói-se e é construído dentro (e fora) da Universidade. O “*homo-violentus*” consciente e inconscientemente predomina.

E aqui queremos deixar uma nota larga: a de que poderão existir outros olhares empíricos diferentes deste e por isso, também defensáveis.

Os homens/mulheres (professores, investigadores, estudantes), parecem estar prisioneiros de interesses externos e internos que os violentam. Externamente estão prisioneiros. Prisioneiros dos interesses produtivos e de eficácia do mercado. Interesses legitimados pelo social, pelo Estado, pela economia e pela própria Universidade. Internamente estão prisioneiros. Prisioneiros desses interesses externos que se fazem internos e que têm, seguramente, implicações no pensar e no fazer científico, pedagógico, profissional, social e cultural. A universidade está curvada (presta vassalagem) a esses interesses, legitimando-os.

Há uma política do poder que constrói as grandes decisões. Uma política exercida de forma “silenciosa”; “privada” “na luz da escuridão”; “um escondido coercivo, manipulador, impositivo, muitas vezes injusto”. Sobre este sentido, Garrard & Murphy (2021) afirmam – e vamos citá-los:

Acabamos permitindo que mercados e burocratas tomem decisões por nós, deixando os cidadãos resignados e alienados da política [...] e neste contexto, nenhuma pessoa decente, como se diz, desejará ver salsichas ou leis sendo feitas (p. 11-12, grifo nosso).

Apesar da sua “autonomia”, a Universidade é regida por programas económicos, programas de investigação, programas pedagógicos e culturais, que são supervisionados pelo “olho” do Estado, do mercado produtivo e das agências de avaliação – a universidade como um mercado produtivo e uma agências de avaliação?!

Agências que fizeram nascer um instrumento de eficácia total: o afamado ranking de produção e de qualidade. Estamos a pensar, por exemplo, nos rankings dos artigos científicos. Rankings que têm em si, trazem em si, uma ideia particular: a ideia de “excelência”. Mas, não uma excelência qualquer, é uma excelência que, mais do que a ideia de produtividade e de progresso, faz perpetuar as próprias agências. É uma excelência que “bebe” em palavras (a palavra como ação) como: rendimento, produção, eficácia, mercado de trabalho, esforço, treino, técnica, repetição, competição - uma feroz competição. Há quase como uma “lei de ferro” que inscreve estas características e que, se estivermos atentos, são muito estreitas para a formação humana.

Ora, toda esta ideologia de organização e funcionamento - diríamos, desumana e contranatura - faz com que a Universidade seja um *locus* de ódio, de hipocrisia e de violência – violência, ora latente, ora manifesta, ora real, ora simbólica. Uma universidade que constrói e faz habitar o “*homo-violentus*”, o que tem implicações profundas na dimensão humana e na vida (mental e relacional) dos seus membros.

Pelo contrário, como já referimos, o “*homo-sabius*” (que gosta do poder da justiça e da liberdade) parece constituir-se como uma raridade, mas, e por paradoxal que pareça, ele é - na nossa representação - aquele que sustenta (de forma subtil e discreta) o ideário e a missão genuína da universidade: ele (ela) faz com que a criação, a inovação, a originalidade, a largueza, o conhecimento, a sabedoria, a eloquência, a distinção... saltem cá para fora – “a verdade que salta cá para fora”.

A universidade, vive assim, entre paradoxos políticos e existenciais que terão também implicações na trilogia estruturante da vida universitária: *a informação, o conhecimento, e a sabedoria*.

A UNIVERSIDADE: entre a informação³, o conhecimento e a sabedoria

Analiseemos o “*homo-violentus*” e o “*homo-sabius*” à luz da trilogia informação/conhecimento/sabedoria - uma trilogia, se quisermos, que sustenta a práxis universitária nas suas várias dimensões. Uma definição rápida e simples de cada uma delas:

A *informação* aparece como um conjunto de ideias, de frases, figuras; ideias, frases, figuras soltas, repetidas, modificadas; ideias frases, figuras, ora bem sustentadas, ora menos bem sustentadas; ora verdadeiras, ora falsas. Uma das características da informação é a sua volatilidade e temporalidade – que pode ser manipulada, modificada, instrumentalizada.

O *Conhecimento* aparece como forma de sistematizar/racionalizar/dar sentido e significado à informação. Há um conhecimento mais sólido, mais sustentado (estamos a pensar no conhecimento dito científico - mas mesmo esse pode ser frágil); assim como há outras formas de conhecimento (ora mais frágil, ora mais sustentado) – por exemplo: o senso comum (doxa), o conhecimento religioso, artístico, cultural; a memória e a tradição. Aqui, também não queremos esquecer as manifestações do indizível - que depois é dito. Estamos a pensar na utopia, no sonho, na imaginação, na metáfora, na fabulação, na criatividade, na curiosidade, na linguagem.

Finalmente, a *Sabedoria*. A sabedoria está próxima do alto. Ser sábio é estar próximo da verdade (é ver a Deusa - a verdade radical). Ser sábio é pegar na informação e no conhecimento e colocá-los ao serviço do bem humano – colocá-los ao serviço da ética, da justiça, da liberdade e de uma estética (o bem, bom, belo e o justo). Ser sábio é convocar formas mais elevadas e profundas de conhecer e compreender a realidade. Ser sábio é ser alegre. Que é diferente de ser feliz, apesar de Aristóteles (1985) já ter falado da felicidade (eudaimonia), ela é, sobretudo, uma invenção moderna, mas é um sentir frágil, efêmero. A alegria, pelo contrário, é uma manifestação profundamente ontológica, divina/bíblica. Aquela alegria que encontramos em Espinosa (2009) – alegria como potência (do agir)... ser sábio é ser e agir na alegria... é estar acima do bem e do mal.

Podemos colocar agora a pergunta: como estão a informação, o conhecimento e a sabedoria na universidade?

Pelo que temos vindo a referir, a Universidade (Prisioneira) parece estar a ser alimentada pela informação. Disseemos que a informação é volátil, manipulável, instrumental.

A maior parte dos decisores políticos, científicos, investigativos e pedagógicos, estão perto (gostam) da informação. A Universidade está revestida de informação. Assim como estão revestidas as estruturas que a influenciam e a determinam: o Estado e a economia. É a informação que alimenta a política do poder, é a informação que alimenta as lógicas de controlo e de manipulação burocrática com os seus discursos de produção e eficácia.

O conhecimento e a sabedoria na Universidade estão (parecem estar) em crise. O próprio conhecimento (em particular o conhecimento científico, a razão positiva de que a universidade tanto gosta) está prisioneiro da informação.

³ Acrescente-se, a montante, a questão dos dados – o dataísmo, conforme sugere Yuval Harari, na sua obra “Homo Deus” (HARARI, 2017). A extração e agregação de dados que, depois de tratados, formam um conjunto de informações relativas ao que quer que seja (um quer que seja cada vez mais amplo, a caminhar para o infinito).

Paradigmático deste cenário é a produção de conhecimento. Se fizermos uma análise atenta, constatamos que é um conhecimento repetido em quantidades, onde quase sempre se investigam e utilizam as mesmas temáticas, os mesmos problemas, as mesmas metodologias, os mesmos instrumentos, os mesmos autores, as mesmas reflexões, as mesmas conclusões, as mesmas estratégias de produção e divulgação.

Um conhecimento realizado por muitos, sob o lema (diríamos, a ideologia) do trabalho de equipe - veja-se a listagem de nomes que encimam os artigos e artigos que, com frequência, têm de ser pagos (e bem pagos) para serem publicados – a ciência do mercado e da economia no seu melhor.

A título de exemplo e curiosidade na Universidade de Coimbra (do século XII até ao início/metade do século XX), um professor ascendia à categoria de Professor Catedrático pelo seu trabalho individual, pela distinção e reconhecimento individual (intelectual, moral, cívica). Este individual está nos antípodas do ser individualista.

Aliás, se fizermos também uma análise atenta, verificamos que hoje o propalado trabalho de equipa, esse sim, é individualista. Há, aqui, um paradoxo interno. Com isto, não queremos negar o verdadeiro trabalho de equipe - não podemos negar as circunstâncias históricas – estamos num novo tempo. Contudo, o verdadeiro trabalho de equipe precisa do talento/potencial individual e não de um trabalho, de um plano de pesquisa assente num sempre repetido, feito por um “rebanho de pesquisadores”⁴.

A propósito deste assunto, o filósofo francês Michel Serres diz-nos que o homem chegou aonde chegou graças ao *trabalho de equipe* (ênfasis a ideia de cooperação: a cooperação, em que as potências e as qualidades individuais se reúnem para uma força para uma qualidade/unidade maior), mas também graças à técnica, ao treino, à repetição e à competição (SERRES, 2004, 2019). Mas, onde está a potência individual de cada investigador, de cada professor, de cada pedagogo, de cada estudante, onde estão as novas temáticas e problemas a serem trilhados? Sim... a Universidade é (deveria ser) um templo do conhecimento e de sabedoria e não um templo de conhecimento, assente na informação que se repete ao serviço da ciência do mercado da economia e de interesses privados e investigativos.

Não seria importante que essas Agências e as próprias Universidades, começassem a valorizar (item grande de valorização) o trabalho individual!? Um artigo só com um nome – um nome distinto – que fez, criou, produziu?!

Voltemos a espreitar Garrard & Murphy (2021) os quais, a este propósito, referem que aquilo que mais precisamos não é de mais informação (e informação falsa - desinformação), mas de mais profundidade, “não de mais dados, mas de mais perspectiva, não de mais opiniões, mas de mais sabedoria” (p. 13).

São poucos os decisores políticos, científicos, investigativos e pedagógicos, que estão perto (que gostam) do conhecimento e da sabedoria. Porque o conhecimento e a sabedoria - desinstala, perturba, abre portas a outros conhecimentos que se alargam e expandem para novos conhecimentos e ciências extraordinárias; Porque o conhecimento e a sabedoria gostam da imaginação, da criatividade, da utopia, da curiosidade, do sonho... e isso (ao que sabemos) tem pouco de ciência positiva e muito menos de informação. Aliás, os problemas e os temas da ciência (quer das ciências naturais, quer das ciências humanas) necessitam destes *a priori*; Porque o conhecimento e a sabedoria sustentam melhor os interesses intrínsecos da própria Universidade... e da própria política, enquanto

⁴ Repetição dos mesmos problemas de investigação, das mesmas metodologias, instrumentos, análises, quadros teóricos. Há uma necessidade de sair das “zonas de conforto investigativo” e convocar novos caminhos teórico-metodológicos para os mesmos e para outros problemas de pesquisa. Há uma necessidade de trazer novos olhares e compreensão para a realidade objetiva e subjetiva.

política da justiça e da liberdade... e, por isso, humanizada; Porque o conhecimento e a sabedoria constroem uma Universidade da presença, da cidadania e da democracia - mesmo sabendo que não é fácil esse empreendimento, como temos tentado demonstrar.

Se a informação estrutura e alimenta o Estado, a economia e o mercado; já o conhecimento e a sabedoria gostam da ideia de Nação.

Se atentarmos com mais profundidade sobre esta dialética vamos constatar que há uma diferença profunda entre a ideia de Nação e de Estado. A Nação emerge enquanto língua, cultura, memória, tradição, identidade; a Nação tem os seus mitos, os seus heróis, as suas realidades e os seus sonhos... a Nação é uma ideia atemporal (arquétipo, forma, ideia perfeita – pegando nos conceitos de PLATÃO, 2007). O Estado, pelo contrário, é uma organização política, ideológica, económica, que vai e vem e que a todo o momento é substituído, modificado. A universidade parece estar mais preocupada com a glorificação e justificação dos deuses macroeconômicos e do Estado, em vez do dever moral e ético de engrandecer e respeitar a Nação.

CHEGAMOS AO MOMENTO TERCEIRO, E ÚLTIMO, assente nas perguntas: qual o sentido da formação universitária no campo da Educação Física em tempos de crise; a Educação Física para quê!?

Como dissemos no início, são duas matérias, são duas perguntas que, de alguma forma, se complementam... e que não são de fácil resposta. Vamos tentar responder, sabendo que serão respostas incompletas e, porventura, frágeis; e sabendo, por certo que todos vós, cada um de vós, terão respostas diferentes, mais sustentadas ou que possam completar ou até infirmar as nossas. Respondendo:

O sentido da Formação Universitária e a Educação Física para quê!? Porque a Educação Física tem em si, traz em si, quatro ideias, quatro dimensões estruturantes do humano: *i) o corpo; ii) o movimento; iii) o Homem-Todo; iv) a excelência (outras excelências)* - que constroem e sustentam o homem sábio... o homem humanizado.

i) O Corpo - quando falamos do *corpo*, estamos a pensar, por exemplo, (entre outros pensadores que poderíamos convidar para esta festa do pensamento e do encontro) em Espinosa (2009) e Deleuze (2015) – “o que pode o corpo?”, “o que pode esta potência?” – e ao que parece, pode muito. Estamos a pensar em Nietzsche (2010), quando refere o corpo como a grande razão. A razão não é apenas parte do intelecto (que gosta de racionalidade, que gosta do conhecimento positivo, objetivo), a razão faz parte do *corpo todo* e com ele a radicalidade dos sentidos, das emoções e das subjetividades. Estamos a pensar Merleau-Ponty (2012) quando *substitui a razão pela sensibilidade* e quando atribui ao corpo um lócus a sensibilidade, a emoção, a percepção, o sentimento. Estamos também a pensar em Heidegger (2005, 2015), quando refere que a existência humana (ser-no-mundo) é muito mais do que pensamento é muito mais do que um ato de pensar. Estamos lançados no mundo e devemos vivê-lo. Eu - o outro - o mundo. Ser-no-mundo pela extensão... e pela vida autêntica.

ii) O Movimento - quando falamos do movimento, estamos a pensar novamente em Merleau-Ponty (2012) e na ideia de experiência. A experiência como lugar de ação e interpretação. Corpo que vê, cheira, escuta e fala, corpo que pensa, corpo pré-reflexivo e que depois se torna reflexivo nesse sentir experiencial. Estamos também a pensar na experiência de Benjamim (2012) - a experiência como construção do Ser, em todos os seus tempos (passado, presente e futuro); a experiência que também faz o elogio à ideia de Nação.

iii) O Homem-Todo - quando falamos do *Homem-Todo*, estamos a falar de uma síntese já realizada pelos Gregos. A síntese onde o *sensível, o inteligível, o imanente e o transcendente* – se unem. É, talvez, nesta síntese que se encontra a casa da verdade, da verdadeira consciência, da

verdadeira consciencialização... uma consciência que nos lança no diálogo, na crítica, na reflexão, na cultura, na liberdade, na libertação, na humanização, na ação, na experiência, na práxis, na autonomia, no pensamento próprio, na esperança... estas são palavras fortes que aparecem por exemplo, no pensamento de Freire (1996, 2003)

iv) A *Excelência* - Finalmente, quando falamos da excelência, estamos a falar de outras excelências: a excelência como nobreza de carácter e de relação. Aquela excelência cantada pela Paideia e *Aretê* Grego, pela *Humanitas* Romana, pela *Bildung* Alemã (metáfora da caminhada cultural ao longo da vida), pela Educação Moderna, no tocante ao elogio e à recuperação da ética individual e do viver coletivo. Aquela excelência que tem como palavras-chave: cooperação, empatia, liberdade, carácter, amizade, rosto, cogito, emoção, presença, hospitalidade, ética, cuidado, saber (saber-ser, saber-aprender, saber-perguntar, saber-ajudar, saber-pesquisar, saber-ensinar, saber-cooperar, saber-escutar, saber-...), nas objetividades, nas subjetividades, nas intersubjetividades. Mas, também estamos a falar da excelência como expressão do espírito - nobreza de espírito. Num primeiro momento, podemos estar a pensar que estamos a entrar num campo metafísico, místico ... (coisas que podem “não entrar” na Educação Física e na Universidade com a sua presunção racional); mas não, a excelência espiritual, antes de ser do campo do religioso, místico, metafísico, da racionalidade, e até cultural, é um dado ontológico e do campo do indizível.... que teve um solo do dito (a ação).

A excelência espiritual diz respeito ao ser, diz respeito a uma tensão do corpo, da alma, dos sentidos, a um desejo individual e coletivo. A excelência espiritual mergulha na imanência (vem antes da transcendência): isto é, mergulha na ação – mergulha numa prática⁵. A espiritualidade é muito mais do que orar, fazer um retiro, praticar yoga, passar um fim de semana num mosteiro, ou mesmo viver num mosteiro (é muito fácil ser santo dentro de um mosteiro) - isso são pequenos caminhos. A verdadeira espiritualidade tem a ver com a ação da vida diária, a prática da boa ação, da ação autêntica, da ação verdadeira (estamos no campo da ética, da empatia e da alteridade). Quando colocamos em ação toda a nossa potência (Aristotélica – da potência ao ato), toda a nossa capacidade, toda a nossa qualidade em nós e na relação com os outros e com o mundo - estamos a ser seres espirituais. A verdadeira espiritualidade tem, no limite, a ver com o ato de amor – ir ao nosso interior (mergulho interior) onde está o Eu - perguntar, dialogar e agir de acordo com essa essência, para que um dia possamos dizer o contrário do nosso Fernando Pessoa: “fui o que não sou”...para um: “fui o que sou”!

O sentido da Formação Universitária e a Educação Física para quê!?! i) *Para a ação*: O Corpo como ação; O Movimento como ação; O Homem-Todo como ação, as Excelências (espirituais) como ação, em ação. *Ação prática*, boas práticas em ação; ii) *Para a inspiração*: uma Educação Física que inspira, uma Educação Física que é (poderá ser) olhada, apreciada, imitada, pelas outras áreas do conhecimento que habitam a Universidade. A Educação Física é uma consciência, é uma narrativa, é uma vinha que dá frutos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. Tradução de Mário da Gama Kury.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza*. Filosofia Prática. São Paulo: Escuta, 2015.

⁵ A transcendência na imanência de TEILHARD DE CHARDIN (1984) na sua Antropologia Dinâmica.

- ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- GARRARD, Graeme.; MURPHY, James Bernard. **Como pensar politicamente: sábios, acadêmicos e estadistas cujas ideias moldaram o mundo**. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores, 2021.
- HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**. Amadora: Elsinore, 2017. Tradução de Bruno Vieira Amaral
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da linguagem: a respeito do tratado de Herder sobre a origem da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2015. Tradução de Enio Paulo Giachini
- MERLEAU-PONTY, *Maurice*. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- PLATÃO. **República**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira
- SERRES, *Michel*. **Hominescência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- SERRES, *Michel*. **Tempo de crises**. Lisboa: Guerra e Paz – Editores, 2019.
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **El fenómeno humano**. Madrid: Orbis, 1984.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Fundos nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) no âmbito do projeto do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança) da Universidade do Minho, com a referência UIDB/00317/2020

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica



APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC (periódicos.ufsc.br). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos Editores ou da Universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITORES ASSOCIADOS DA SEÇÃO TEMÁTICA

Ricardo Rezer, Mariângela da Rosa Afonso, Inácio Crochemore

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória de Paula Duarte; Keli Barreto Santos.

HISTÓRICO

Encaminhado pelos Editores Associados em 31 de maio de 2022.